



Património arqueológico de valor incalculável está vulnerável à destruição

Tesouros subaquáticos ameaçados no Arade

As centenas de achados arqueológicos que já foram identificados mas subsistem no fundo do Arade estão ameaçados. O perigo vem das âncoras das embarcações, da constante mobilidade das areias, das fortes correntes, mas também da falta de apoios para estudar e resgatar a abundância de vestígios perdidos no fundo do rio, que percorrem todas as épocas e podem vir a contar a história completa da região

Há mais de 30 anos que Alberto Machado mergulha no Arade para revelar ao mundo os tesouros perdidos no rio. Nos primeiros anos, e apesar do nosso passado intimamente ligado ao mar, Portugal estava na infância deste tipo de iniciativas.

Apesar do amadorismo inicial, o fundador e diretor do Grupo de Estudos Oceânicos (GEO) encontrou, ao longo de milhares de horas debaixo de água, centenas de vestígios arqueológicos de vários períodos da história, fazendo deste rio algarvio um dos principais palcos da arqueologia subaquática mundial.

Punhais decorados, machados e pontas de

lança (Idade do Bronze), esculturas de bronze (Idade do Ferro), ânforas, peças de cerâmica, moedas e selos (Período Romano), cerâmicas, moedas e pratos decorados (Período Árabe) e peças em estanho, compassos de cartear e canhões de bronze (Época Moderna) fazem parte dos "tesouros" submersos já identificados no Arade.

Parte deste espólio é também produto do IPSIS, grupo de detetores de metais que Alberto Machado coordena conjuntamente com José de Sousa e que desenvolve a sua pesquisa nas praias de Ferragudo e Portimão/Alvor.

Este rio está ainda envolto num mistério

quanto ao número de embarcações antigas submersas nas suas profundezas.

"O trabalho de pesquisa subaquática do GEO já possibilitou o levantamento de mais de uma centena de achados arqueológicos do rio, entre os mais de 200 objetos descobertos ao longo dos últimos anos e que continuam debaixo de água", revela ao JA Alberto Machado, que mergulha no Arade desde 1977 para "defender o património arqueológico subaquático da região".

Mais de três décadas depois, o responsável do GEO, que também é monitor nacional de mergulho e já formou centenas de mergu-

lhadores, tendo ainda liderado várias expedições oceânicas, confessa que ainda fica "surpreendido" em cada missão no rio Arade.

Ex-líbris do património subaquático mundial

"Ainda existem muitos vestígios por revelar no fundo do rio. É uma autêntica caixinha de surpresas que vai continuar a surpreender os arqueólogos e todas as pessoas durante muitas décadas", evidencia Alberto Machado, acentuando que "o Arade é um ex-líbris de



Portimão e Lagoa, mas é também um ex-libris do património subaquático mundial".

"Ninguém imagina a quantidade de material que está debaixo do rio. São dezenas os objetos em que os mergulhadores 'tropeçam' em cada mergulho", frisa o responsável do GEO, que co-dirigiu os campos arqueológicos subaquáticos do rio Arade, em Portimão, a partir de 2001, tendo diversos trabalhos publicados.

No entanto, a partir de 2006, Alberto Machado afirma que tudo mudou. "Apesar dos resultados muito encorajadores das campanhas, houve um desinvestimento total na arqueologia subaquática no Arade", lamenta, salientando que, ainda assim, "os membros do GEO não desistem e desde então continuam a mergulhar no rio às suas custas".

"O Arade é uma preocupação constante para nós. Se queremos salvaguardar o património do Arade temos de fazer campanhas contínuas", sublinha o experiente mergulhador, alertando que "a hidrodinâmica do rio é atualmente tão ativa que só com intervenções permanentes e sistemáticas se pode salvar o património subaquático".

Património em risco

Segundo Alberto Machado, esta situação exige a tomada de uma "atitude urgente" por parte das entidades responsáveis, nomeadamente do Instituto Português dos Transportes Marítimos (IPTM), que tem jurisdição sobre a área, mas também do IGESPAR, das câmaras municipais que partilham o Arade (Portimão e Lagoa), do museu de Portimão, da Capitania do Porto de Portimão, do Turismo do Algarve, dos responsáveis regionais pela Cultura, da marina de Portimão. "Enfim, é preciso outra atitude política e mais sensibilidade para o que está em causa", comenta.

"Em todas as campanhas que temos vindo a fazer ao longo dos últimos anos vão apare-



Algumas peças retiradas estão em exposição no museu municipal mas muitas outras permanecem nas profundezas do Arade

cendo achados sistematicamente. E ao longo destes anos enviamos relatórios sobre os nossos avanços a diversas entidades. Mas agora estamos a atingir os limites e não existem verbas para continuar a explorar este património incalculável", lamenta o fundador e diretor do GEO, que se recusa a virar as costas a estes vestígios que testemunham o "passado glorioso" da região e do país.

Porém, se os apoios continuarem a faltar, Alberto Machado adianta que todo o património

arqueológico que ainda subsiste no fundo do Arade vai ficar ameaçado e vulnerável à destruição.

"Durante o verão, centenas de embarcações fundeiam as suas âncoras todos os dias nas zonas onde já foram identificados vestígios e isso provoca imensos estragos. Os locais foram sinalizados com bolas numa tentativa de preservar as zonas arqueológicas mais importantes, mas os sinais são constantemente desrespeitados e nenhuma autoridade conse-

que impedir esta situação, porque a responsabilidade da sua preservação está diluída", adverte.

"Estão sempre a surgir novos achados"

O trabalho dos mergulhadores no rio Arade não tem sido fácil, devido à dificuldade em obter dados concretos por causa da constante



A equipa do GEO de Portimão já resgatou centenas de vestígios arqueológicos do Arade



Alberto Machado - GEO



mobilidade das areias, correntes fortes e pouca visibilidade.

Mas, para Alberto Machado, "isso é que é fantástico na foz do Arade, pois estão sempre a surgir novos achados em zonas que foram dragadas". E é exatamente por isso que o responsável do GEO - grupo que esteve desde o início a acompanhar as descobertas no rio Arade, a vigiar as zonas e a proteger os vestígios - defende a realização de "um trabalho sistemático para acautelar e preservar esse património".

No entanto, essa tarefa não tem vindo a ser cumprida por nenhuma entidade nos últimos cinco anos, com o argumento da falta de verbas e por não estar claro a quem compete essa função, o que coloca em risco o património

que ainda subsiste no rio.

Contactada esta semana pelo JA, uma fonte próxima da direção do IPTM do Algarve disse que neste momento "não existem indicações para dar à comunicação social" sobre este assunto.

O JA sabe que o plano de atividades do IPTM inclui a navegabilidade do rio Arade, através de dragagens, e que a marina de Ferragudo vai estar concluída em 2014. Apesar disso, a delegação do sul do IPTM "ainda não recebeu orientações" devido ao período de transição do novo Governo e à reformulação prevista de muitos institutos e organismos públicos.

Nuno Couto



Os mergulhadores alertam que o património subaquático está vulnerável à destruição

Primeira descoberta surpreendeu o mundo há 40 anos

Moedas de ouro romanas e restos de madeira de embarcações antigas foram descobertas acidentalmente, em 1970, durante as dragagens do porto comercial de Portimão. Foram os primeiros achados arqueológicos subaquáticos em Portugal

A euforia em torno dos "tesouros" encobertos no fundo das águas algarvias começou - imagine-se - graças a uma descoberta acidental. Na manhã de 10 de outubro de 1970, foi encontrada uma moeda de ouro romana e restos de madeira de embarcações antigas no rio Arade, em Portimão. O achado foi feito durante os trabalhos de dragagem do rio, tendo figurado nas primeiras páginas de todos os jornais do país, dando início a um mito que hoje está mais vivo do que nunca.

A descoberta dos dois misteriosos navios naufragados (a que os arqueólogos batizaram de Arade 1 e Arade 2) foram os primeiros achados arqueológicos subaquáticos efetuados em Portugal e, mais tarde, a partir de 1998, viriam a impulsionar a maior campanha arqueológica subaquática até agora organizada no nosso país.

As operações foram conduzidas pelo antigo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS) e pelos mergulhadores do Grupo de Estudos Oceânicos (GEO), de Portimão, que pesquisaram a foz do Arade e descobriram centenas de artefactos e vestígios arqueológicos. Algumas dessas peças estão hoje expostas no museu municipal de Portimão, mas muitos outros permanecem ocultos nas profundezas do Arade.

Desde então, a arqueologia subaquática em Portugal nunca mais foi a mesma. Atualmente, o inventário nacional do património subaquático conta com mais de nove mil registos, dos quais mais de 400 encontram-se no Algarve, a maioria naufragios.

N.C.

Primeiro relato de naufrágio remonta ao ano 996

Durante séculos, o rio Arade foi a principal via de comunicação para o interior do barlavento algarvio. Silves era então a capital cultural e económica do Algarve, com o triplo da população que tem hoje

Hoje muito assoreado, o rio Arade até já foi navegado pelos viquingues. Segundo os dados oficiais, a referência escrita mais antiga relativa a um naufrágio ou perda de navio em águas portuguesas é da autoria do cronista árabe Ibn Adati. O documento reporta-se ao dia 23 de julho de 996, quando uma frota viquingue que subiu o rio Arade, tentando tomar de assalto a cidade de Silves, foi parcialmente destruída.

Deste combate resultaram os mais antigos naufrágios registados em águas que hoje são portuguesas.

Velb - a Silves árabe - era por aqueles tempos a capital cultural e económica do Algarve, opulenta em riquezas e construções, também conhecida pelos estaleiros navais, tendo sido imortalizada através das canções dos poetas.



O rio Arade, atualmente muito assoreado, já foi navegado pelos "vikings", que tentaram tomar de assalto a cidade de Silves



JA

MAGAZINE

PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO N.º 7887 DE 20 DE JULHO DE 2011
DO JORNAL DO ALGARVE E NÃO SE VENDO SEPARADAMENTE

Tesouros subaquáticos

Património arqueológico vulnerável à destruição